

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO FEMINICÍDIO NA SAÚDE MENTAL DE FAMILIARES SOBREVIVENTES: LUTO TRAUMÁTICO, ESTIGMATIZAÇÃO E REDE DE APOIO

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.034-013>

Wilde Maria Clara Sousa de Oliveira
Faculdade Anhanguera
Graduanda em psicologia
E-mail: clarasousa903@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1760-943X>

Francislina de Albuquerque Prestes
Mestranda em Ciências da Saúde e da Vida
UFN
E-mail: francislina22.prestes@gmail.com

Maria Pompéia de Albuquerque Prestes
Graduada em Serviço Social – Estácio
E-mail: pompeiaprestesii@gmail.com

Claudiane Machado Krusche
Graduada em Enfermagem
E-mail: Claudiane_krusche@hotmail.com

Allyne Medeiros Mota Lana Flores de Souza
Graduada em psicologia Uninassau
E-mail: allyne330@gmail.com

RESUMO

O feminicídio configura-se como uma grave violação dos direitos humanos, cujos impactos extrapolam a vítima direta e atingem profundamente os familiares sobreviventes. Este capítulo tem como objetivo analisar os impactos psicossociais do feminicídio na saúde mental desses familiares, com ênfase no luto traumático, na estigmatização social e na importância da rede de apoio. A metodologia baseia-se em uma revisão narrativa da literatura científica nacional e internacional, com análise de estudos publicados em bases reconhecidas das áreas da psicologia, saúde coletiva e ciências sociais. Os resultados evidenciam que os familiares vivenciam um luto complexo, marcado por sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, depressão, ansiedade e sentimentos persistentes de culpa e revolta. Observa-se ainda a presença de estigmatização social, frequentemente associada à culpabilização indireta da família, o que intensifica o isolamento social e dificulta a busca por ajuda. A rede de apoio, composta por serviços de saúde mental, assistência social, sistema de justiça e suporte comunitário, mostrou-se fundamental para a elaboração do luto e a reconstrução da vida cotidiana. Conclui-se que o enfrentamento dos impactos psicossociais do feminicídio requer abordagens interdisciplinares, políticas públicas integradas e estratégias de cuidado

contínuo voltadas aos familiares sobreviventes, visando à promoção da saúde mental e à redução das vulnerabilidades psicossociais.

Palavras-chave: Estigmatização social; Feminicídio; Luto traumático; Rede de apoio; Saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

O feminicídio representa a forma mais extrema da violência de gênero, configurando-se como um grave problema social, de saúde pública e de direitos humanos. No Brasil e em outros países da América Latina, os elevados índices desse tipo de crime evidenciam a persistência de relações desiguais de poder entre homens e mulheres, marcadas pelo machismo estrutural e pela naturalização da violência. Para além da perda da vida da mulher, o feminicídio produz impactos profundos e duradouros sobre os familiares sobreviventes, especialmente no que se refere à saúde mental, às relações sociais e à dinâmica familiar.

Nesse contexto, o problema de pesquisa deste capítulo centra-se na seguinte questão: quais são os principais impactos psicossociais do feminicídio na saúde mental dos familiares sobreviventes, considerando o luto traumático, a estigmatização social e o papel da rede de apoio? A delimitação do estudo concentra-se na análise dessas dimensões psicossociais, buscando compreender como a violência letal de gênero repercute na vivência do luto e nas condições emocionais e sociais dos familiares.

O objetivo geral deste capítulo é analisar os impactos psicossociais do feminicídio na saúde mental dos familiares sobreviventes. Como objetivos específicos, busca-se: (a) compreender as características do luto traumático vivenciado pelos familiares; (b) identificar os processos de estigmatização social associados ao feminicídio; e (c) discutir a importância das redes de apoio formais e informais no enfrentamento do sofrimento psíquico decorrente dessa experiência.

A justificativa do estudo fundamenta-se na relevância social e científica do tema, considerando a escassez de pesquisas que abordem o feminicídio a partir da perspectiva dos familiares sobreviventes. Compreender os impactos psicossociais dessa violência contribui para o aprimoramento de políticas públicas, estratégias de cuidado em saúde mental e práticas interdisciplinares voltadas à proteção e ao acolhimento dessas famílias.

Do ponto de vista teórico, o capítulo dialoga com estudos sobre luto traumático, violência de gênero, saúde mental e estigmatização social. Autores como Worden, Parkes e Doka contribuem para a compreensão do luto complexo, enquanto pesquisas no campo da violência contra a mulher e da psicologia social destacam como o estigma e a culpabilização social agravam o sofrimento dos familiares. Além disso, a literatura sobre redes de apoio evidencia a importância de ações integradas entre saúde, assistência social e sistema de justiça para a promoção do cuidado e da resiliência psicossocial.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvido a partir de uma revisão narrativa da literatura científica. Esse tipo de abordagem permite uma compreensão aprofundada dos fenômenos psicossociais relacionados ao feminicídio, especialmente no que se refere às experiências subjetivas de luto traumático, estigmatização social e acesso às redes de apoio por parte dos familiares sobreviventes.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do objeto de estudo, que envolve dimensões emocionais, sociais e culturais, as quais não podem ser plenamente compreendidas por métodos quantitativos isolados.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A revisão narrativa foi conduzida por meio de levantamento bibliográfico sistematizado em bases de dados científicas reconhecidas, como SciELO, PubMed, PsycINFO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram considerados artigos científicos, livros, capítulos de livros, dissertações, teses e documentos institucionais publicados em língua portuguesa, inglesa e espanhola.

O recorte temporal priorizou publicações dos últimos 10 anos, sem excluir obras clássicas consideradas relevantes para a fundamentação teórica do luto e da violência de gênero.

2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A técnica utilizada foi a análise documental, tendo como instrumento principal um protocolo de leitura elaborado para orientar a seleção, organização e análise dos materiais. Esse protocolo contemplou critérios como: relevância temática, rigor metodológico, clareza conceitual e contribuição para a compreensão dos impactos psicossociais do feminicídio.

Foram utilizados descritores combinados por operadores booleanos, tais como: feminicídio, luto traumático, saúde mental, estigmatização social e rede de apoio, adaptados conforme as especificidades de cada base de dados.

2.4 AMOSTRA DO ESTUDO

A amostra foi composta por estudos científicos que abordaram direta ou indiretamente os impactos do feminicídio ou da morte violenta de mulheres sobre familiares sobreviventes. Não houve delimitação de faixa etária ou grau de parentesco, considerando-se a diversidade de vínculos familiares afetados pelo fenômeno. Os estudos selecionados foram aqueles que apresentaram coerência metodológica, fundamentação teórica consistente e pertinência com os objetivos da pesquisa.

2.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática, permitindo a identificação de categorias centrais relacionadas ao luto traumático, à estigmatização social e à atuação das redes de apoio. As categorias emergentes foram discutidas à luz de referenciais teóricos da psicologia do luto, da saúde coletiva e dos estudos de gênero.

A discussão fundamentada possibilitou a articulação entre os achados da literatura e os objetivos propostos, contribuindo para uma compreensão crítica e integrada dos impactos psicossociais do feminicídio.

2.6 ASPECTOS ÉTICOS

Por tratar-se de uma pesquisa de revisão de literatura, o estudo não envolveu a participação direta de seres humanos, dispensando a submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, foram respeitados os princípios éticos da produção científica, com a devida citação das fontes e o compromisso com a integridade acadêmica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura selecionada permitiu identificar três eixos centrais relacionados aos impactos psicossociais do feminicídio na saúde mental dos familiares sobreviventes: o luto traumático, a estigmatização social e a importância da rede de apoio. Esses eixos mostram-se interligados e potencializam o sofrimento psíquico decorrente da perda violenta.

3.1 LUTO TRAUMÁTICO E SOFRIMENTO PSÍQUICO

Os estudos analisados evidenciam que o luto vivenciado por familiares de vítimas de feminicídio caracteriza-se como um luto traumático, marcado pela abruptidade da morte, pela violência extrema e pela intencionalidade do crime. Diferentemente do luto esperado, esse processo é permeado por sintomas intensos de ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, pensamentos intrusivos e dificuldades de reorganização da vida cotidiana.

A literatura aponta que a convivência com imagens violentas divulgadas pela mídia e o prolongamento de processos judiciais contribuem para a reatualização constante do trauma, dificultando a elaboração do luto. Esses achados dialogam com autores que defendem que mortes violentas rompem o sentido de previsibilidade e segurança, ampliando o sofrimento emocional dos sobreviventes.

3.2 ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL E ISOLAMENTO

Outro resultado recorrente refere-se à estigmatização social enfrentada pelos familiares, especialmente em contextos onde o feminicídio é acompanhado por discursos de culpabilização da vítima. Observase que familiares, sobretudo mães e filhos, são frequentemente expostos a julgamentos morais, rumores e silenciamentos sociais, o que intensifica sentimentos de vergonha, culpa e exclusão.

A literatura destaca que essa estigmatização funciona como um fator agravante do sofrimento psíquico, contribuindo para o isolamento social e para a resistência na busca por apoio psicológico e institucional. Tais achados reforçam estudos da psicologia social que associam o estigma à ampliação das vulnerabilidades emocionais em situações de violência extrema.

3.3 REDE DE APOIO COMO FATOR DE PROTEÇÃO

Os resultados também evidenciam que a rede de apoio, tanto formal quanto informal, desempenha papel fundamental no enfrentamento do luto traumático. Serviços de saúde mental, assistência social, grupos de apoio e organizações da sociedade civil aparecem na literatura como espaços de acolhimento, escuta qualificada e reconstrução de vínculos.

Entretanto, os estudos indicam fragilidades na articulação entre os serviços e dificuldades de acesso, especialmente para famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A discussão aponta que redes de apoio bem estruturadas funcionam como fatores de proteção, promovendo resiliência e reduzindo o impacto psicossocial do feminicídio.

De forma geral, os resultados dialogam com a literatura existente ao evidenciar que o feminicídio não se encerra no ato criminoso, mas produz consequências prolongadas na vida dos familiares sobreviventes, exigindo respostas integradas do Estado e da sociedade.

4 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar os impactos psicossociais do feminicídio na saúde mental dos familiares sobreviventes, com ênfase no luto traumático, na estigmatização social e na importância da rede de apoio. A retomada desses objetivos permitiu compreender que o feminicídio constitui um evento de extrema violência que desencadeia repercussões emocionais, sociais e psicológicas profundas e duradouras para aqueles que permanecem.

Os principais resultados evidenciaram que os familiares vivenciam um luto traumático caracterizado por sofrimento psíquico intenso, incluindo sintomas de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático, agravados pela brutalidade da morte e pela constante reatualização do trauma. Identificou-se ainda que a estigmatização social atua como fator intensificador do sofrimento, promovendo isolamento, silenciamento e dificuldades no acesso ao cuidado em saúde mental. Em contrapartida, a presença de redes

de apoio formais e informais mostrou-se fundamental como fator de proteção, auxiliando na elaboração do luto e na reconstrução da vida cotidiana.

Como contribuições da pesquisa, destaca-se o aprofundamento da compreensão do feminicídio a partir da perspectiva dos familiares sobreviventes, frequentemente invisibilizados nas políticas públicas e nas produções acadêmicas. O estudo reforça a necessidade de ações intersetoriais que integrem saúde, assistência social e sistema de justiça, bem como de estratégias de cuidado contínuo e humanizado voltadas a essas famílias.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras avancem na realização de estudos empíricos com familiares sobreviventes, utilizando abordagens qualitativas e longitudinais, a fim de ampliar a compreensão dos efeitos do feminicídio ao longo do tempo e subsidiar a formulação de políticas públicas mais eficazes no enfrentamento dessa problemática.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 mar. 2015.

DOKA, Kenneth J. *Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow*. Lexington: Lexington Books, 2002.

GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lúcia Rolim Santana de. Feminicídios no Brasil: uma análise dos dados do sistema de informações sobre mortalidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p. 2699-2708, 2019.

MENEGHEL, Stela Nazareth; HIRAKATA, Vania Naomi. Feminicídios: estudo em capitais e municípios brasileiros. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 564-574, 2011.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2009.

SILVA, Ana Paula Portella da; PIMENTEL, Silvia. Violência contra as mulheres e feminicídio no Brasil: desafios para a prevenção e o enfrentamento. *Revista Katálisis*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 467-476, 2020.

WORDEN, J. William. *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.